

# Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 13 – Os últimos dois comandos

[www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/](http://www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/)



## O valor da palavra

O novo comando, assim como os anteriores, é bastante breve e claro: “Não darás falso testemunho contra o teu próximo” (Êx 20.16). Os termos utilizados pela redação do nono comando deixam claro que o mesmo foi pensado no contexto de um testemunho legal diante de uma corte, um poder jurídico que está averiguando determinado caso que precisa de esclarecimento por meio da verdade.<sup>1</sup>

Os autores Walton, Matthews e Chavalas afirmam que “a terminologia indica que o enfoque principal está relacionado principalmente à difamação e à calúnia dentro do contexto jurídico. A manutenção da justiça dependia da confiabilidade da testemunha. Não obstante, destruir a reputação de alguém, legal ou informalmente, constituía falso testemunho e era considerada uma violação desse mandamento”.<sup>2</sup>

Logo, muito embora os termos reflitam o uso da palavra no tribunal, o comando está nos chamando a uma reflexão e obediência na maneira como tratamos a verdade e como empunhamos nosso falar para construir e declarar a verdade ou destilar a mentira. Obviamente, o comando nos proíbe de faltar com a verdade com o nosso próximo, seja usando a nossa palavra para distorcer a verdade ou acobertá-la por completo. É certo que em uma sociedade na qual a mentira se torna uma prática diária começamos a recorrer a ela para desculpar nossos atrasos, remediar nossa imagem no trabalho, consertar situações embaraçosas com o cônjuge, encobrir nossos erros em diversos contextos e até perpetuar pequenos boatos e críticas de pessoas das quais não gostamos.

O comando demonstra como o uso de nossa palavra precisa ser mediada pelo temor do Senhor. De uma maneira poderosa, é justamente sobre isto de que trata Tiago em sua epístola na famosa passagem do capítulo 3, versos 1 a 12. Tiago introduz o tema mostrando a responsabilidade daqueles que almejam o ensino dentro da comunidade cristã, especialmente por que o instrumento dos ensinadores – o falar – é um instrumento difícil de controlar (v.1,2). Logo em seguida passa a mostrar o poder que as palavras tem utilizando a língua como símbolo do falar. Tiago então utiliza duas metáforas para ilustrar seu ponto: o cavalo grande e forte que é guiado por um pequeno freio e os grandes navios que são guiados por um pequeno leme (v.3,4). A língua é então um pequeno órgão, mas protagoniza grandes feitos (v.5). Tiago está utilizando a imagem da língua na verdade para demonstrar o poder que as palavras têm de moldar a realidade e as vidas das pessoas. Ou seja, a maneira como utilizamos a fala é muito importante pois as palavras são capazes de construir e de destruir. O poder destrutivo é ilustrado pela metáfora do bosque imenso incendiado por uma pequena fagulha (v.5). Assim como no tribunal um falso testemunho de alguém pode condenar e arruinar a vida de uma pessoa inocente, na vida diária a maneira como utilizamos nosso falar pode causar um mar aberto de problemas as pessoas que estão a nossa volta.

Logo, muito embora os termos reflitam o uso da palavra no tribunal, o comando aponta para a santidade da verdade em todas as áreas da vida e “desprezar a verdade seria desprezar Deus cujo próprio ser e caráter é verdade”.<sup>3</sup> De fato Hodge destaca a questão de como o nono comando, apesar de sua construção negativa, coloca em relevo a questão da importância da verdade: “Este comando proíbe todas as violações das obrigações de veracidade [...] A verdade é sagrada em todo o tempo, por que é um dos atributos essenciais de Deus, logo seja o que for que milite contra a verdade ou é hostil a ela está em oposição a natureza de Deus em si. Verdade, falando dessa maneira, é o próprio substrato de Deus. Em certo sentido é a fundação de todas as perfeições morais de Deus [...] A menos que Deus realmente seja quem Ele declara ser, a menos que seu ser signifique o que Ele diz significa, a menos que Ele faça o que prometeu, a ideia toda de Deus está perdida”.<sup>4</sup>

Hodge leva o nono comando a um nível bem profundo e demonstra que falar a verdade não é apenas uma obrigação moral, mas é um exercício espiritual profundo. Basta lembrarmos que Jesus afirmou ser Ele mesmo “a verdade” (Jo 14.6), e afirmou mais: “[O Inimigo] quando mente fala a sua própria língua pois é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8.44). A mentira como negação e distorção da verdade é algo maligno e diabólico.

<sup>1</sup> WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo : Antigo Testamento : volume I, Pentateuco - Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006, p.291

<sup>2</sup> WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. Comentário bíblico Atos: Antigo Testamento - Belo Horizonte: Editora Atos, 2003, p.96

<sup>3</sup> KAISER, WALTER C., JR.: Exodus. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 425-426

<sup>4</sup> HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997

## O verdadeiro lar dos comandos

O último comando é construído de uma maneira mais estendida, encampando e abrangendo temas de comandos anteriores, todos agora sob um aspecto: o desejo. O comando é colocado de forma negativa, mas agora mais longamente: “Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença” (Êx 20.17).

O termo empregado aqui para “cobiça” é bastante rico no hebraico, pois “a ideia geral da raiz *hāmad* é ‘desejar ardentemente’, ‘ansiar’ ou ‘cobiçar’”.<sup>5</sup> Cole deixa claro que “o termo hebraico *hāmad*, ‘desejar’, é em si mesmo neutro. É apenas quando mal orientado para aquilo que pertence a outrem que tal ‘desejo’ se torna errado”.<sup>6</sup> Logo, o comando retoma a identidades e realidades já consideradas em comandos anteriores como bens materiais e o cônjuge, e agora proíbe o desejo intenso sobre essas realidades, trazendo os comandos anteriores até o lugar mais central e profundo: o próprio coração.

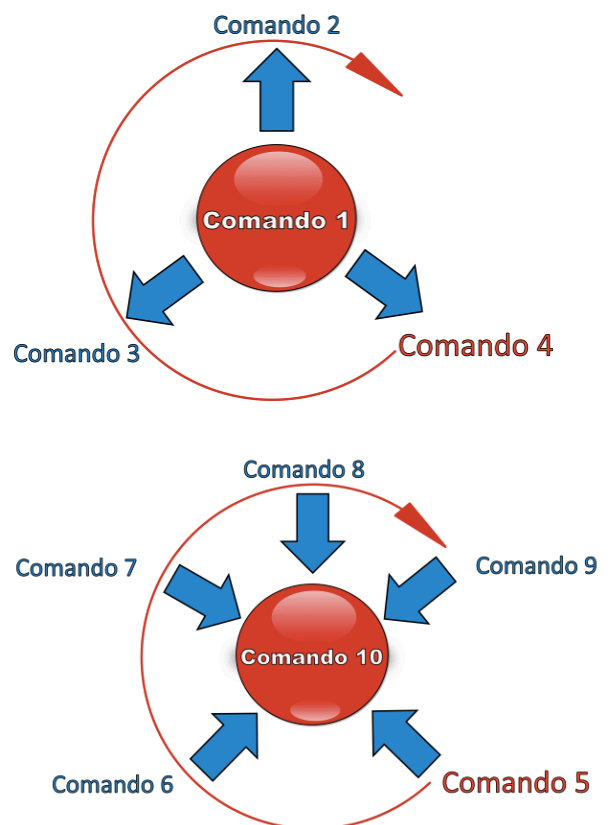
Enquanto o sétimo comando proíbe o adultério e o oitavo comando legisla sobre o roubo o furto, o décimo comando agora afirma que é preciso vigiar o coração e resguardar a mente e dessa forma “este comando lida com o interior humano e mostra que nenhum dos nove comandos anteriores poderia ser observado meramente por um ato externo ou formal. Todo instinto interior que levasse ao ato em si estava incluso”.<sup>7</sup>

Olhando por essa perspectiva, os comandos da primeira e da segunda tábua fazem um movimento interessantemente oposto. Os comandos do primeiro ao quarto vão do coração a prática, de dentro para fora, enquanto os comandos do quinto ao décimo vão da prática ao coração, de fora para dentro.

Os autores Scott Blanchard e Madeleine Homan fazem um comentário interessante: “os atores constroem seus personagens de duas maneiras diferentes: de fora para dentro e de dentro para fora. Alguns trabalham melhor de fora para dentro: partem do figurino, das características físicas e da voz do personagem, deslocando-se para dentro, uma camada de cada vez, até sentirem a alma do personagem que criaram. Outros começam a partir da essência do personagem, primeiramente abraçando e estabelecendo ligação com sua luta e paixão, depois adicionando camadas até criarem a forma externa do personagem”.<sup>8</sup>

Esta passagem nos ajuda a construir uma pergunta importante no processo de discipulado: esse processo de transformação no qual vamos nos tornando mais parecidos com Jesus ocorre de dentro para fora ou de fora para dentro? É o nosso esforço externo de obediência e nossa aplicação e dedicação que molda o nosso coração ou devemos obedecer naturalmente a partir de um coração que foi tocado e transformado? Essa é uma discussão longa que habita no seio da cristandade e uma resposta equivocada pode conduzir ao legalismo – a ênfase exagerada na obediência externa e o cultivo da hipocrisia interior – ou ao liberalismo – devo ser autêntico com o meu coração e não devo portanto fingir algo que não sou.

Os comandos fazem um movimento tanto de dentro para fora na primeira tábua quanto de fora para dentro na segunda tábua, com o quarto e quinto comandos construídos de maneira positiva. Dessa forma, vemos a relação entre a transformação do coração a qual apenas o Senhor pode realizar em nós dentro para fora e o esforço de obediência o qual apenas nós podemos realizar de fora para dentro se harmonizam de maneira perfeita nos comandos. Ou seja, a verdadeira santidade só pode acontecer quando há uma sinergia entre a ação do Espírito Santo em nosso coração para que o Senhor possa ser nosso primeiro e maior amor e a nossa ação diária quando escolhemos obedecer a Deus em todas as áreas da vida. O tempo com Deus – quarto comando – é determinante para que possamos crescer no amor pelo Eterno e a honra aos pais e as relações de autoridade e submissão são essenciais para que possamos crescer no amor pelas pessoas a nossa volta. Dessa forma, o decálogo revela sua sabedoria e beleza, seu equilíbrio e o trabalho sinérgico da santificação.



<sup>5</sup> KAISER, WALTER C., JR.: Exodus. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 425–426

<sup>6</sup> COLE, R. A. *Êxodo: Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981, p.155

<sup>7</sup> KAISER, WALTER C., JR.: Exodus. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 425–426

<sup>8</sup> BLANCHARD, Scott; HOMAN, Madeleine. *Alavanque seu potencial: os principais segredos de coaching dos grandes executivos*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006, p.55,56

